

**Cerimónia de Outorga do Título de Doutor Honoris Causa a Jorge Carlos  
de Almeida Fonseca, Presidente da República de Cabo Verde, pela  
Universidade Portucalense  
16 de Junho de 2021**

**Elogio do Doutorando**

Wladimir Augusto Correia Brito  
Professor Catedrático da Universidade Portucalense

Senhor Reitor, Excelência, na sua pessoa cumprimento todas as autoridades académicas presentes neste acto.

Senhor Presidente do Conselho de Administração da Universidade Portucalense, Excelência

Senhoras e Senhores Titulares dos Órgãos de Soberania, Excelências

Senhoras e Senhores Membros do Corpo Diplomático e Consular, Excelências

Sapientes Doutores desta Universidade, Excelências

Senhoras e Senhores Convidados, Excelências

Caras e Caros Estudantes

Senhoras Trabalhadoras e Senhores Trabalhadores não docentes da UPT, Excelências

Surpreendido com convite do Senhor Reitor para fazer o elogio académico do Doutorando, aceitei-o com muito gosto e honra por se tratar de um velho amigo e companheiro de lutas, razões essas que, sendo fortes a nível pessoal, não bastam para justificar que se tenha privado o insigne Doutorando de um elogio outro, vindo de personalidade que, pela sua sabedoria e público reconhecimento, pudesse desempenhar essa tarefa melhor do que este simples Professor de Direito.

Tendo aceite, “Hic Rodus, hic salta”!, como dizia Hegel no prefácio ao Princípios da Filosofia do Direito, retomando a frase de Esopo, célebre escravo contador de história e criador de fábulas na antiga Grécia.

Senhor Reitor, Sapientes Doutores, Distintos Convidados

Caro Doutorando

Para compreendermos a personalidade que hoje nos convoca para esta Magna Assembleia de Doutores e de Convidados, parece-me interessantes, mesmo que

de forma sintética, começar por dizer que a formação da nossa cultura cabo-verdiana inicia-se na época do Renascimento, com o encontro entre o vitruviano homem europeu e o homem africano, este, agrilhoado para ser trazido como escravo e transformado em mercadoria humana depositada nas ilhas em trânsito para outras paragens, mas cuja cultura resistiu à violência da agressão dominadora e, resistindo, se miscigenou com a desse homem europeu.

Desse encontro de esses dois “Outros”, resultou essa miscegenação étnico-antropológica e idiomática, dele nascendo o “eu” cabo-verdiano e a sua língua. Curiosa homologia, que a mestiçagem denota e conota, o homem e a sua língua, de que resulta uma cultura, a crioula.

Forjados nessa dialética dos contrários, nós cabo-verdianos somos, portanto, um povo, culturalmente moderno, por geneticamente fruto da simbiose das revoluções científicas e culturais ocorridas no Renascimento com a resistente e resiliente cultura africana, agrilhoada pelo homem vitruviano que, para afirmar a sua modernidade, se desumanizou, escravizando e mercadejando o ser humano africano.

Como explica Jacques Derrida toda a génese é portadora de dois sentidos contraditórios, o de “origem” e o de “devenir”, e, como podemos ver, a Génesis da cultura cabo-verdiana também, não foge a esse destino, tal como no fado Sabe-se Lá, cantado pela Amália Rodrigues, em que “Ninguém foge ao seu destino/Nem para o que está guardado/Pois, por um condão divino/Há quem nasça pequenino/Pr'a cumprir um grande fado” que, no nosso caso, é o da transcendência da sua origem na opressão de uma cultura sobre outra para uma cultura outra, a crioula, até então desconhecida, que é já o devir da cabo-verdianidade ou da identidade cultural do cabo-verdiano.

Fruto dessa dialética dos contrários e da agreste natureza das ilhas, nós, cabo-verdianos, nascemos dotado de uma natural abertura ao mundo, o que nos permite assumir sem preconceitos a simbiose da nossa cultura com a das comunidades que nos acolhem ou das que nos visitam e assim assumir com naturalidade a *cultura-mundo*, de que nos falam os filósofos Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Nascidos em ilhas agrestes, filhos de senhores e de escravos – aqui, recordamos a dialética do senhor e do escravo e a autoconsciência de si, de que nos fala Hegel – , agora, autoconscientes da nossa própria identidade e da dos outros, somos forçados pela história e pela natureza a assumir como nossa a célebre máxima do dramaturgo cartaginês Terêncio, também ele

escravo dos romanos, Homo sum; humani nihil a me alienum puto - Sou um Homem, nada do que é humano me é estranho.

Este brevíssimo excuro, permite-nos, penso eu, perceber o substrato antropocultural deste cabo-verdiano que hoje aqui se apresenta como nosso Doutorando.

Senhor Reitor, Doutos Professores, Distintos Convidados

Caro Doutorando

Importa agora, numa necessariamente breve e incompleta descrição não exclusivamente do seu curriculum académico, mas sim do seu curriculum vitae, que o coloca na relação com o Outro, apresentar a personalidade a quem hoje a Universidade Portucalense irá atribuir o Grau de Doutor Honoris Causa, o que farei, neste elogio académico, com base em três etapas, que, de certo modo, mas noutra registo, coincidem com os da “Biografia sumária do autor escrita por um antigo inimigo, hoje depois da morte, seu admirador confesso”, que abre a obra poético-surrealista do Doutorando, intitulada Porcos em Delírio.

Para tanto, terei por vezes de entrar no palácio da memória, de que nos fala Santo Agostinho nas Confissões, para aí procurar as imagens trazidas por percepções de todas as espécies que habitam compartimentos desse palácio, onde também habita o esquecimento, pois no dizer desse Doutor da Igreja temos a memória de nos termos esquecido.

Senhor Reitor, Sapietes Doutores, Distintos Convidados

Caro Doutorando

De acordo com a citada Biografia, Jorge Carlos de Almeida Fonseca, vai nascendo aos pedaços. Primeiro pedaço nasce em 1950 na cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, Cabo Verde; o segundo nasce na cidade da Praia, ilha de Santiago e, finalmente, em Coimbra nos finais dos anos 60, nasce o último.

Mas, os três esquartejados pedaços do *processus nativitatis* do nosso Doutorando, que nós, mais humanamente, unificamos num *corpus* cujo processo de desenvolvimento pode ser melhor compreendido com base na lei fundamental do desenvolvimento do conhecimento humano, de que nos fala Augusto Comte nos seus Principes de Philosophie Positive. De acordo com essa lei “chaque branche de nos connaissances passe successivement par trois états théoriques

différents”, que são: o teológico, o metafísico e o positivo ou científico. É com esta lei filosófica que vamos fazer a descrição do *cursum vitae* do Doutorando.

Senhor Reitor, Sapientes Doutores e Caras e Caros Convidados

Caro Doutorando,

Poderemos dizer que quer em Mindelo quer nos primeiros anos da sua vida na Praia, Jorge Carlos Fonseca viveu no estado teológico, mas na Praia transita para o estado metafísico.

“[N]ascem pedaços dele em Mindelo, na Travessa do Restelo ...”, e nessa ilha, vive uma curta vivência no estado teológico. Dela provavelmente se lembra da velha e medonha figura do Gongom, que apavorava, tude menin de Samcente - todos os meninos de S. Vicente – e a que Osvaldo Ancântra, dedica um poema na sua obra poética *Cântico da Manhã Futura*, e talvez ainda que, quando chovia, tudo mnine samcente ta tmá sê banhim d’tchuva d’bachê bica.

Mas, já não deve lembrar-se, por exemplo, do conto *Ti Caranga*, quel mentirôs compulsivê chei bazofaria, de Sérgio Frusoni, que ouvíamos na Rádio Barlavento. Por seu lado, a ilha que o viu nascer não se lembra de nela o Doutorando ter deixado qualquer outro *rastro*, no sentido que Emmanuel Levinas e Jacques Derrida atribuem a esse conceito filosófico, que não fosse o do seu registo de nascimento.

Mais marcante é seguramente o seu re-nascimento, ainda na etapa teológica, na cidade da Praia, onde nascem, como se diz na dita Biografia, os segundos pedaços do seu corpo. Aí tem mais memória das coisas aí passadas e até se lembra de que sonhou ser padre. Felizmente que, nos últimos anos da sua vida nessa cidade, transita para a fase metafísica. Já estuda matemática, física, latim, história e filosofia e, quando vai a caminho das Furnas, talvez ao lembrar--se da morna Carta di nha Cretecheu de Eugénio Tavares, nhô Eugên, qual voz interior que o revela a beleza do amor, nele despertam os primeiros sintomas da fôrça de cretcheu, que o leva a substituir aquele sonho de ser padre pelo amor e pelas dolentes serenatas, qual S. Paulo na estrada de Damasco. Metafisicamente, é claro. Na verdade, nessa época, o adolescente Jorge Carlos Fonseca, que ainda não conhecia o poema de Fernando Pessoa “Há metafísica bastante em não pensar em nada”, à pergunta “o que penso do mundo?”, feita pelo heterónimo Alberto Caeiro, responderia, com toda a naturalidade, tal como Caeiro respondeu “sei lá o que penso do mundo”.

Talvez sob a influência, entre outros, do poeta Corsino Fortes, seu professor, começa a tomar consciência da sua condição de ilhéu, mas ainda e somente por ter vivenciado na Ilha de Santiago “o delírio dos batuques no terreiro/Vádiás de Santiago/contorcionando/ espasmando/os ventres/no ritmo quente do batuque/(...)”, assim retratado por Jorge Barbosa, no poema Ilhas. Mas, ainda não intenciona, no sentido que o filósofo Husserl atribui à intencionalidade, ou seja, ainda não tem a consciência desse algo que é a cultura cabo-verdiana, e muito menos da relevância sócio-política do poema Capitão Ambrósio, de Gabriel Mariano, e do poema o Povo das Ilhas quer um novo poema para o povo das ilhas, de Onésimo Silveira.

Senhor Reitor, Sapientes Doutores e Caras e Caros Convidados

Caro Doutorando,

Diz-nos a citada Biografia que Jorge Carlos Fonseca volta a nascer em Coimbra, com o aparecimento dos últimos e decisivos pedaços dele. Mas agora não nasceu, nasceu-se porque aqui é ele que agora, voluntária e conscientemente, decide nascer no estado positivo ou científico, porque quer compreender as leis *lato sensu*, enquanto “les rapports necessaires qui dérivent de la nature des choses”, como explica Montesquieu, natureza das coisas essa que, de acordo Baruch Spinoza, obriga-nos a ter de conhecer as regras gerais da constituição e do funcionamento dos seres, e, acrescentamos nós, no quadro das circunstâncias sócio-culturais e políticas de cada época.

Para tanto, Jorge Carlos Fonseca não só estuda Direito, como se inicia na política e na actividade literária, no politizado ambiente da “República dos Milionários”, casa que nos foi acolhendo como estudantes e militantes na clandestinidade da luta de libertação nacional da Guiné e Cabo Verde, mas também na luta contra o fascismo português. Agora, já conhece e declama— negra bandeira/bandeira negra da fome (...) do poema Capitão Ambrósio, de Gabriel Mariano, e já quer, tal como Onésimo Silveira, para o povo das ilhas um poema diferente. Contudo, quer ir mais além desses dois importantes e decisivos momentos da consciencialização poético-literária e literário-política da literatura e da cultura cabo-verdianas.

Para tanto, lê e discute connosco, entre outras, as obras de Eugénio Tavares e a divinização do cretcheu, Pedro Cardoso e a reivindicação do crioulo na literatura, Baltasar Lopes e Manuel Lopes e a criação do mais célebre

movimento literário cabo-verdiano, a Claridade, Teixeira de Sousa, João Vário, Gabriel Mariano, Manuel Ferreira, Luís Romano, e, sobretudo, à época, Onésimo Silveira com a sua Consciencialização da Literatura Cabo-verdiana, obra decisiva para toda a nossa geração contestatária; conhece e discute a importância de Ovídio Martins que, seguramente, o marca com o seu poema Anti-evasão: “Pedirei/Suplicarei/ Chorarei/Não vou para Pasárgada/Atirar-me-ei ao chão/e prenderei nas mãos convulsas/ ervas e pedras de sangue/Não vou para Passárgada/Gitarei/ Berrarei/Matarei/Não vou para Pasárgada”, poema este considerado por muitos um grito contra a Pasárgada, de nhô Baltas e, com ele, contra os claridosos. Ouve certamente falar da revista Certeza, criada, por jovens estudantes do Liceu, entre outros, Arnaldo França, Orlanda Amarilis, Guilherme Rocheteau, Manuel Ferreira e meu pai Eduíno Brito, em que o leitmotiv é a cabo-verdianidade e, para muitos, é um movimento juvenil que contesta a Claridade.

Mas, na época em que vivíamos, a febril agitação cultural da Coimbra dos anos 70 do século passado, leva-o também a André Breton, Manifesto Surrealista e Ensaio sobre surrealismo, à poética de Rimbaud e de Apollinaire, a Lautréamont e os seus contos de Maldoror, Paul Éluard, e o seu marcante poema Liberté, a Tristan Tzara, fundador do Dadaísmo que virou surrealista, e aos surrealistas portugueses, Mário Henrique Leiria com os Contos do Gin Tónico e António Maria Lisboa, sem esquecer, o Marquis de Sade, Bertolt Brecht, Buñuel, no cinema, Hieronymus Bosch, Magritte, Max Ernst e Dali nas artes plásticas. Numa palavra, envolve-se com o surrealismo puro e duro.

Toda esta formação cultural do Doutorando numa Coimbra, em que a quotidiana discussão dessas temáticas acontecia com naturalidade entre nós, quase sempre regada com cerveja Topazio ou Super-Bock, contribui decisivamente para a sua abertura a uma outra e inovadora forma de pensar a literatura cabo-verdiana. Agora, intenta universalizá-la sem necessidade de directa e expressa referência à terra-mãe, à ora di bai, morabeza, sabura d'terra, mi propri qe'ê Djom/Djom Pó-di-pilon, mar de canal, fôme, tchuva, emigração, camim d' Santmé, camim longê, mas tendo tudo isto – que cultura cabo-verdiana é – como pano de fundo dessa perseguida, por desejada, abertura. De facto, as Ilhas perdidas/esquecidas/num canto do mundo, de que nos fala Jorge Barbosa, em Destinos, estão silenciosamente, quase que mornamente, como cantaria, Dina Medina, dentro dessa sua nova visão da literatura.

Nessa sua caminhada para uma nova forma de pensar e praticar a literatura cabo-verdiana, Jorge Carlos Almeida Fonseca teve por principal companheiro de discussão, o nosso comum amigo, também poeta, João Oliveira Barros, o nosso Dick, esse homem-ilha, mas portador do Arquipélago, que, com a sua reconhecida e apreciada elegância, nos oferecia, o Jazz, a música clássica, a boémia e naturalmente, os seus poemas: “E foi teu o mar e as terras do Além--Mar/ Cavaste fronteiras/no sentido das pedras preciosas/e aos pedaços/dividiste as minhas tribos/ /Ensinaste-me depois/na escola das roças/a gramática da chibata/para que as tuas caravelas/ /cruzassem repletas o mar de regresso./Viajante involuntário/no ventre dos veleiros/fui mercadoria...”.

O Dick contribuiu seguramente para a nova concepção poético-literária de Jorge Carlos Fonseca, e, embora noutro registo, talvez, também, Baltazar Lopes, na pele de Osvaldo Alcântara, e João Vário na sua obra poética.

Esta é uma sumaríssima descrição do percurso literário e cultural do Doutorando, Jorge Carlos Fonseca, na estado positivo ou científico, que o abre a outras influências, para, noutro registo, até então não assumido pela literatura nacional, o surrealista, produzir a sua obra literária e se assumir como um poeta e autor surrealista, sem deixar de ter os seus pés fincados em Cabo Verde, o que permite que a sua já vasta produção literária reflecta essa simbiose do local com o universal, como pode ler-se na sua última produção, O Albergue Espanhol, onde a cultura cabo-verdiana convive com Roland Barth, Verlaine, Paul Éluard, Buñuel e Alain Raisner.

Senhor Reitor, Sapientes Doutores e Caras e Caros Convidados

Caro Doutorando,

Agora, sob o ponto de vista político, o nascimento de Jorge Carlos Fonseca ocorre na etapa positiva ou científica da sua vida, que se inicia em Coimbra, como dissemos. Nessa etapa coimbrã em que nasce para a vida política, tem como parteiro no sentido socrático da expressão, o nosso comum amigo, hoje médico psiquiatra, Manuel Faustino e tem como jardim de infância a Coimbra de 67/68, onde a oposição ao regime fascista conformava e enformava a nossas ideias políticas e onde a presença clandestina dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, PAIGC, FRELIMO e MPLA, reclamava a nossa participação na luta libertadora.

Jorge Carlos Fonseca inicia aí a sua participação nessa luta, agora sob forte influência, entre outros, de Frantz Fanon, *Peau Noire Masques Blancs* e *Les Damnés de la Terre*, leitura obrigatória na época para os aprendizes de combatente contra o colonialismo que erámos, Kwame N’Krumah, Amílcar Cabral, Marx e Trotsky. Integra conjuntamente com José Henrique Vera-Cruz e eu uma das células, que se reunia no meu quarto na casa de estudantes conhecida por “21”, casa onde, ao som da Voz de Cabo Verde, o Doutorando e nós outros mornávamos, pendurados nas nossas crotcheus, mas também sacudíamos as ancas ao som da coladêra, não só para nos divertirmos como jovens que erámos, mas também (principal motivo, por vezes) para recrutar novos militantes para a causa da libertação.

Assim, o Doutorando cedo começou o seu combate simultaneamente contra o colonialismo e o fascismo, o que não era tarefa fácil, entre outras razões, porque como explica o responsável máximo pela luta clandestina em Coimbra, Manuel Faustino, havia uma tensão entre o grupo de militantes mais velho e mais conservador e um grupo mais jovem, mais aberto a uma relação mais estreita com as organizações e com a sociedade portuguesa, e a discutir problemas que iam muito além das questões relacionadas com a independência nacional. Jorge Carlos Fonseca, conhecido entre os amigos por “Zona integrava o grupo que defendia essa posição menos rígida que, para além de uma perspectiva política mais ampla que ultrapassava o cenário nacionalista, preocupava-se com a própria organização da sociedade após a libertação, advogava a necessidade de uma perspectiva do mundo e da vida mais abrangente e que valorizasse a cultural, numa perspectiva universalista. Não duvido, continua Manuel Faustino, que Jorge Carlos Fonseca, Wladimir Brito, Manuel Delgado, Oliveira Barros (...), entre outros, tiveram um peso importante na ampliação e enriquecimento das perspectivas culturais e políticas dos cabo-verdianos em Coimbra”.

Dessa luta, também contra o fascismo, Jorge Carlos Fonseca e eu somos os cabo-verdianos expulsos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e incorporados no exército colonial onde, cada um a seu modo, participa militarmente no 25 de Abril.

Após a independência, e em síntese, o ora Doutorando, Jorge Carlos Almeida Fonseca, segue para Cabo Verde onde vai participar no então denominado processo de construção nacional e, aí e de novo com Manuel Faustino e outros amigos, consciente de que o regime do partido único cerceava intoleravelmente

as liberdades fundamentais, manifesta-se contra esse regime autoritário, o que teve como consequência o exílio forçado e o regresso a Lisboa, onde termina a sua Licenciatura em Direito, faz o seu Mestrado na Faculdade de Direito de Lisboa, passa a integrar, como Assistente, o corpo docente dessa Faculdade e a dedicar-se à ciência jurídica, mas sem nunca abandonar a luta política e a literatura.

Nesse período, Jorge Carlos Fonseca, conjuntamente com outros estudantes cabo-verdianos em Lisboa, cria o Círculo de Estudos para a Democracia, que, em bom rigor, é de oposição ao então partido único, Círculo que promove debates e, entre outras, a publicação de um caderno intitulado Cabo Verde 80, Que Constituição? que, distribuído em Cabo Verde, ao que se sabe, irritou seriamente o partido único e seu regime.

Após passagem por Macau, onde exerce as funções de Director Residente e Professor Associado Convidado na Universidade da Ásia Oriental, eis que o Doutorando regressa a Cabo Verde, agora para integrar o Movimento para a Democracia (MpD), criado nos anos 90 para se opor pacífica, mas decididamente, àquele regime de partido único, movimento que, após duas vitórias eleitorais, em 92 faz aprovar uma nova Constituição, que abre definitivamente a sociedade cabo-verdiana à democracia e garante o respeito pela dignidade do ser humano.

De novo, Jorge Carlos Fonseca está no centro desse maremoto democrático que assola as ilhas para arrastar o regime autoritário para bem longe do Arquipélago. Agora, o Doutorando assume no novo governo dirigido por Carlos Veiga as funções de Ministro dos Negócios Estrangeiros, e, nessa qualidade, faz entrar Cabo Verde para o Conselho de Segurança, como membro não permanente. Pela primeira vez e pela sua mão, um país falante do português entra para este órgão da ONU.

Depois de deixar o Governo, Almeida Fonseca dedica-se à sua profissão de Advogado e de Jurisconsulto, investiga e produz artigos científicos, escreve poemas, é opinion maker nos jornais nacionais, é redactor, entre outros, de projectos de Códigos Penal e de Processo Penal, cria um partido político, numa palavra, continua noutras instâncias a sua luta pela liberdade e pela afirmação dos direitos fundamentais, ao mesmo tempo que começa a pensar num novo e decisivo projecto, o de criação da primeira Escola Superior de Direito, o Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais, e da primeira revista jurídica cabo-

verdiana, Direito e Cidadania, cuja Direcção assume até ser eleito Presidente da República. Mas, agora, sonhou querer ser Presidente da República de Cabo Verde e, ao contrário do outro sonho que teve na idade teológica, este, da idade positiva ou científica, realizou-se.

Senhor Reitor, Sapietes Doutores e Caras e Caros Convidados

Este é, sumariamente, o percurso da vida vivida pelo Doutorando, que o curriculum académico não consegue descrever, porque nele só há a presença de um eu solipsista e exangue, em cujo retrato não figura o outro que o completa como ser.

Por isso, decidi fazer o elogio da vida vivida pelo Doutorando, em que este está em relação com o outro, em que há, portanto, um eu e um outro, razão e afecto, consenso e dissenso, que o curriculum académico, fundado exclusivamente numa cartesiana racionalidade não nos oferece.

Esta é a descrição sumaríssima do *cursum vitae*, que também é o *cursum honorum*, da personalidade que hoje, apadrinhado pelo Ilustre Académico que o nosso Reitor é, se perfila perante nós para solicitar que lhe seja atribuído o Grau de Doutor Honoris Causa.

Disse.